

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

## UNIÃO

\*\*\*

O Exército é republicano, o funcionalismo é em grande parte republicano, o povo, oh! o nosso querido povo é todo republicano,

Basta, . . . . . aparecer hastada a bandeira sacrossanta da Pátria, aquela que bem alto drapejou em 5 de Outubro de 1910, basta só isso e que todos os republicanos esqueçam dissídias, esqueçam desavenças e desinteligências partidárias.

A bandeira é só uma; é a bandeira da Pátria, e de olhos bem fitos n'ela, sigamos ávante.

Todos os que sofrem pelo mesmo Ideal, todos os que O adoram, servem e respeitam, à sombra da Bandeira sacrossanta da Pátria, d'Aquela que nos campos da Flandres, em Africa, em toda a parte que o Exército Português teve de manifestar o seu nobre e honroso brio, seremos um por todos e todos por um.

Avante, Republicanos, mãos dadas, todos os resaios findaram, como findaram as malquerenças.

Hoje e sempre ávante pela Pátria e pela República.

Povo querido, povo da minha terra, ávante comigo sob a Bandeira da Pátria.

Viva a República!

20-12-929.

A.

Tribunal Militar Territorial de Lisboa

Concluiu na passada segunda-feira o julgamento dos implicados na morte do Tenente-Coronel Américo Olavo, ocorrida em 7 de Fevereiro de 1927. Após a réplica dos debates, foi lida a sentença que absolveu todos os réus, á excepção de dois, que foram condenados em uma repreensão e em 15 dias de prisão disciplinar.

\*

Tribunal da Comarca de Guimarães

No Tribunal da Comarca de Guimarães, na passada segunda-feira realizou-se o julgamento do ajudante de «chauffeur», Jaime Ribeiro, que há meses involuntariamente assassinou uma creada ao serviço do sr. Alberto Margaride.

Apesar da bela defesa feita pelo patrono do réu, o ilustre causidico sr. dr. Eduardo de Almeida, a sentença condenou-o em 1 ano de prisão coreccional, 1 ano de multa a Esc. 2000 por dia, a Esc. 2.00000 de indemnização á familia da vítima e a Esc. 300000 de imposto de justiça.

## Instrução e Educação

A salvação nacional pela acção escolar

X I

São muitas as escolas e opiniões acerca do cooperativismo e origens próximas e remotas do bem estar colectivo.

Enquanto fisiócratas, como Turgot, afirmam que só a Terra é mãe da riqueza, outros asseveram que só o trabalho a produz; enquanto uns defendem o proteccionismo, insinuando aos Estados que embarcem cada vez mais as importações e favoreçam as exportações em ordem a realizar-se o equilibrio da balança comercial, outros lutam pela liberdade de comércio e industria.

Uma escola pretende que a sociedade se subordine á vida económica livre e independente dos individuos concertados para o interesse económico immediato — é a escola do individualismo económico; outra — a dos colectivistas positivistas — proclama que a sociedade é unidade económica única, formada de individuos correlacionados.

Todas elas têm o merecimento de ter derramado muita luz sobre questões que tanto interessam á humanidade, carregando para a sciência elementos positivos e verificados.

Limadas algumas arestas mais salientes e despontados alguns extremismos, todas as escolas defendem verdades.

Encaradas como conjunto sistematizado escola alguma é verdadeira.

Se é verdade que a incontestável origem da riqueza se encontra no solo, não o é menos que o elemento que valoriza os seus produtos é o homem pelo seu trabalho.

Da Terra se haure a matéria transformável; e dela, como a gente transformador, depende mesológicamente o homem.

Por outro lado, tanto a liberdade de comércio e industria como a própria liberdade individual, carecem de meio propicio ao seu desenvolvimento.

Se a uns Estados muito convém, noutros não deve passar de um ideal a realizar.

As «escolas intermédias» diligenciam conseguir o harmonismo entre o socialismo e o individualismo.

As sociedades cooperativistas são já uma conquista prática da execução da maior destes principios: encaram a socialização das riquezas, a integração do capital nos elementos produtores, respeitando, como elemento primário, a livre e espontânea concorrência individualista.

Em anterior-artigo pisamos bem que uma das condições de viabilidade e progresso consistia na illustração e moralidade irrepreensível dos associados, sem as quais não haverá jamais boa direcção confiança e fomento.

Necessário é igualmente que se verifiquem condições reais e legais, consistindo aquelas na subscrição sufficiente no sentido de o capital cooperativo poder lutar com o das grandes empresas e

## Sociedade Martins Sarmento

A Conferência do Dr. Hernani Cidade

Na passada segunda-feira realizou a sua anunciada conferência sobre a Marquiza de Alorna o distinto professor da Faculdade de Letras e eminente publicista, Ex.º Sr. Dr. Hernani Cidade, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento e perante um numero e distinto auditorio.

A apresentação do ilustre conferente foi feita pelo Ex.º Sr. Dr. Eduardo de Almeida, muito digno presidente da Direcção da Sociedade, em palavras que traduziram eloquentemente a sua satisfação pela aquiescência ao seu convite e a exaltação do prazer espiritual que Sua Ex.ª ia proporcionar aos assistentes, com a distinta colaboração de D. Arminda Fortes, exímia declamadora.

Eram 22 horas, quando Sua Ex.ª, depois de agradecer as referências do apresentante, iniciou a exposição do seu trabalho, que se prolongou até quasi ás 23 e meia, escutado sempre com crescente interesse.

Naquele museu de «Sciência e Arte», realizou exuberantemente o seu intento, apresentando-nos em linguagem primorosa as facetas predominantes da Marquiza de Alorna.

Mestre consagrado das Letras, mais uma vez se patenteou um paciente investigador e critico erudito e imparcial.

As poesias recitadas pela Ex.ª Sr.ª D. Arminda Fortes, sobretudo o soneto com que fechou, um mimo. . . um encanto!

Conferente e declamadora foram justamente applaudidos.

Agradecemos a gentileza do convite.

Este número foi visado pela comissão de censura

num ambiente próprio; e estas — as legais — na isenção, ou pelo menos redução de contribuições.

As nossas Escolas estão muito longe de realizar o seu fim no seio da comunidade: desde a sua organização, montagem e funcionamento são muito tradicionalistas.

Transmitem e acumulam conhecimentos feitos muitos dos quais sem a orientação consentânea com as necessidades sociais, quando é certo que serão inúteis enquanto não educarem os filhos dos trabalhadores para a luta pela vida, para a conquista pelo lugar que lhes deve pertencer no meio social.

A pedagogia moderna deve superiorizar-se á da idade média, que só criava crentes e militares, acarinhando a economia social e as tendências da democracia em ordem a criar trabalhadores conscienciosos e cidadãos livres.

17-12-929.

Prof. J. F. B.

(Continua.)

## Noticias Escolares

Em artigo publicado no «Diário Popular», de 9-11-929, versou o antigo Presidente do Conselho de Ministros Ex.º Sr. Dr. Domingos Pereira o problema do ensino.

Artigo muito bem pensado e superiormente escrito, como era de esperar da sua intelligência e argúcia, constituiu um grito de alarme em favor da Instrução em Portugal.

Resumi o que pôde a exposição e as considerações que lhe sugeria

O problema é vastissimo e bom é que homens de envergadura e responsabilidades no que se fez e há para fazer em matéria de instrução educativa o tomem de sua conta.

Do que existe pouco mais se salvará que o estóico professor primário.

As falhas. . . sim, as falhas avultam menos que uma areia no meio de um oceano.

\*

Na sua página escolar das «Novidades» diz o nosso colega Rodrigues Leônidas em artigo de lógica formidanda; e referindo-se á estabilidade do ministro da Instrução:

«A pasta da Instrução Pública precisa de ser entregue a um ministro que mostre a sua acção pelo bem comum, que, livre de particularismos, trabalhe com os olhos postos no bem estar e engrandecimento de Portugal. Depois a sua acção não se pode limitar a uns escassos meses de permanência na gerência da sua pasta. São necessários alguns anos para fazer alguma coisa de útil e proveitoso em prol da Nação, para. . .

\*

O Conselho Superior de Finanças negou o seu visto á nomeação do sr. Heitor Passos para Inspector Geral do Ensino Primário e Normal.

\*

As férias do Natal principiam em 23 de Dezembro e terminam em 6 de Janeiro.

\*

Afinal a questão das residências para os professores caiu no regime do empata.

Parece-nos que agora vislumbramos a caveira que andava nisto tudo.

E vem a pêlo dizermos que não nos movia simplesmente o interesse pessoal: haja residências para quem de direito e chega-nos a satisfação do dever cumprido.

O que de maneira nenhuma está certo é que não sirvam para ninguém, porque algumas. . . excelências fingem não saber o que é razoavel e admissivel. Parabens. . . ao feliz.

\*

Em S. Torcato vão ser dispendidos 10.000 escudos de subsidio do Estado na conclusão do edificio escolar em que já funcionam

## Dr. António José de Almeida

Em memória do venerável e grande português António José d'Almeida, tem sido debatido na imprensa portuguesa a ideia dum monumento nacional a erigir na capital.

Nada mais justo do que perpetuar em mármore e bronze a figura do grande democrata, apóstolo da Liberdade e da Justiça.

O país inteiro concorrerá com o seu óbulo para que em breve seja um facto a consagração dum homem que em vida foi um exemplo de bondade, honestidade e dedicação.

Que Guimarães, cidade de tradições gloriosas, não deixe de manifestar a sua gratidão áquele que foi o cidadão ilustre, o tribuno eloquente e o político admirável.

E' de esperar que, no momento em que se abrir nesta terra a subscrição, todos os republicanos e admiradores de António José d'Almeida concorram com a sua quota parte testemunhando, assim, a sua gratidão e admiração pelo indomável apóstolo e denodado padalino da Democracia.

E assim, dentro em breve, na capital da nação, um monumento magestoso consagrará a memória daquêle que foi o eminente cidadão e exemplarissimo Português, para honra da República e glória de Portugal.

Francisco Fraga.

## Empata!

Não sei se sabem que a maneira como determinada entidade dá despacho, é simplesmente vergonhosa. Por maldade ou caturrice, empalha, empalha o tempo, finge arrelhar-se depois, e sai a porta sem indagar se os fornecedores terão letras a pagar ou dinheiro para pôr a comida na mesa. Ontem, com os seus próprios empregados; hoje, com aqueles que ainda caem na patética de vender fiado.

dois lugares e continuação da parte destinada a funcionamento de outro dois.

\*

Tem razão o «Comercio de Guimarães»: o anonimato é vil, é cobarde. Quem assaca culpas sai á barreira de cabeça erguida a prová-las.

Descubram lá o joguinho e indiquem a que naípe pertence a «bisca» para jogarmos o trunfo.

\*

Boas Festas.

## Da questão clerical

Com a implantação da República, nós assistimos a uma grave e intensa questão religiosa que, durante vários anos, dificultou o trabalho dos diversos governos do país. Todos nós sabemos a origem da questão. O clero, vendo terminados os seus privilégios, reagiu violentamente contra a República, chegando a transformar os púlpitos das igrejas em verdadeiros comícios contra-revolucionários. O rebanho dos fieis, na sua grande maioria indiferente ás lutas políticas, julgou que a República representava uma perseguição implacável das suas ideias. Disso o convenciam padres muito mais monárquicos do que católicos, e... muitos republicanos que, no ardor da luta, confundindo, baralhando, não esclarecendo as consciências bem intencionadas, declaravam o Regime absolutamente incompatível com a Igreja. Anos depois, mais por cansaço do que por outra razão, os ânimos dos combatentes abrandaram...

Mas eis que agora se apregoa, de ponta a ponta de Portugal, que é preciso, enfrentar a onda clerical... E' um momento grave, para nós, sobretudo, que desejávamos evitar um conflito desta natureza. Mas paciência! O que tem de ser tem muita força!

Realmente, os clericais, assumindo uma atitude idêntica ás dos monárquicos — "As Novidades", dando a mão à gente do Nemo — tem hostilizado a opinião liberal, guerreado feroz e deslealmente a grande massa republicana. A resposta era inevitável. Simplesmente o que não queremos, custe o que custar, é que os republicanos combatendo a Reacção clerical venham prejudicar os interesses da República e servir os interesses do inimigo... E é isto, só isto que se está preparando. Se a luta anti-clerical continuar, ou melhor se persistirem os processos actuais da luta anti-clerical, dentro em pouco será difícil, quasi impossível, impedir que a maioria dos crentes julgue a República inimiga da Igreja... E é isto que não queremos. Primeiro, porque somos republicanos.

Segundo, porque somos... anti-clerical!

Por isso é preciso dizer a todo o mundo como os republicanos devem encarar a questão clerical.

A República, o estado republicano não é anti-clerical, — como também não é clerical. E' neutra, absolutamente neutra, em matéria religiosa...

Logo, há liberdade completa para tôdas as ideias.

Dentro do regime, pode existir um partido clerical e um partido anti-clerical, mas a República não é nem dum nem doutro, pela simples razão de que não sendo um partido, serve os interesses nacionais de todos os partidos... E' assim que a questão deve ser posta. Mas os clericais, *politicando*, colocando os princípios religiosos ao serviço de princípios políticos, atacam, procuram embaraçar a marcha do regime? Então há apenas, como republicanos, que fazer cumprir as leis da nossa República, provando, demonstrando a todos os católicos sinceros, que a culpa não é nossa, mas dos próprios dirigentes da Igreja em Portugal. Há que mostrar-lhes que não somos anti-católicos mas republicanos e que, por isso, combatemos todos — católicos, protestantes ou israelitas — todos quantos desobedeçam ás leis do Regime.

Pode-se ser republicano e anti-clerical, como se pode ser indiferente perante questões religiosas... Mas isso é um caso particular, individual.

Os republicanos que desejem defender ou atacar a Igreja devem-no fazer sem apregoar o seu republicanismo...

E' que a República, como diz claramente a Constituição, é unicamente laica!

Horácio Cunha.

Da «República».

### Para que todos saibam

A praça da sardinha, e conjuntamente o que há de mais réles em matéria de *mulherio*, é tudo estacionário ao cimo da rua de Paio Galvão, podendo mesmo dizer-se na face oposta de D. Afonso Henriques.

A policia passa de olhos vendados, dando mostras de que se alimenta de aquela especialidade... peixeira.

Não haverá olhos de ver de quem superintende em tudo isto? E' vergonhoso.

### Trovas para a desgraça

*Para dormir, como dizes,  
Entre sedas de espavento,  
Dezenas de infelizes  
Dormem no chão ao relento...*

*Mostras com pompa, mulher,  
A tua riqueza enorme...  
E nem te lembras, sequer,  
Que a desgraça nunca dorme...*

*E' a ventura transitória  
Que a desventura consome...  
E no fim — horrenda escória! —  
Empurra-a à vala da fome...*

*Quem será?! De carruagem  
Vai altiva e espaventa!...  
Eu já a vi com outra aragem:  
— Mais humilde e mais formosa!*

*A tua vaidade pisa  
Veludos, sedas, no chão...  
E há creanças sem camisa,  
E tantas bocas sem pão...*

*Usas navalha na liga,  
De tudo ris... fazes troça...  
— Já fui séria rapariga!...  
Se sou isto... a culpa é vossa...*

*A tôda a gente que passa  
E a todo o homem que vês  
Dizes que te chamas Graça  
Quando desgraça é que és...*

*Onde vais de cara alta  
E a bater o tacão?!...  
— Vou à procura da malta  
Para entrar na perdição...*

*Vejo te, ó doida, tombar  
Nos abismos degradantes!...  
Como as outras quer's luxar,  
Sonhas com oiro e brilhantes!...*

*Tôda coberta de sedas  
Pareces uma princeza...  
E's louca!... Nunca te excedas,  
Porque és filha da pobreza!...*

*De joias tôda te doiras  
O luxo agora é o teu nome...  
Olha essas creanças loiras,  
São tuas irmãs, têm fome...*

*Passas cheia de brilhantes,  
Rainha do lupamar...  
— Vi tua mãe, há instantes,  
Pedir esmola a chorar...*

Dezembro de 1929.

DELFIN DE VIMARANES.

Eu dou á minha Liberdade tam alto valor, que o ouro de todos os reis do mundo não chegaria para me comprar.

DESCARTES.

De seguida ela mostrava mais e mais os seus dentes limpos a salva, agitava o cabelo num disfarce, como em espreguiçadela, e ágil, e leveira, debruçava-se para a terra, dava movimento lesto à foicinha, e ia cantarolando, despreocupada, uma moda em voga e nimbada de alegria, enquanto a sua delgada mãozinha se tingia do verde da herva e se escondia no punhado já recolhido.

Por sua vez o *Queixada* dava-se ao entretenimento de atar os molhos que ela ia deixando a seu lado, engenhosamente sobrepostos, sem reparar nos olhares disfarçados que a rapariga lhe ia lançando.

Certo domingo, *Queixada* tirou-se dos seus cuidados e dirigiu-se à vila em procura de dis-

### Sonetiho

A' Mademoiselle X.

Perdoa a minha ousadia  
se te venho melindrar.  
Eu só quero neste dia  
os meus parabens te dar.

No brotar dessa alegria,  
seja doce o teu sonhar...  
Que a ventura te sorria  
é todo o meu desejar.

Sim, é mais uma florzinha  
que tu vês desabrochar,  
à luz da felicidade.

Nestes meus versos, mãzinha,  
que te venho dedicar,  
vai tôda a minha saúde.

17 12 929. António Vieira Novais.

## Arrematação

(2.ª publicação)

No dia 12 do próximo mês de Janeiro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, e nos autos da carta precatória para nomeação de louvados, avaliação e arrematação de bens, vinda da comarca de Lourenço Marques, extraída dos autos de execução em que é exequente Joaquim Ferreira da Cunha e executado José da Silva Mendes Guimarães, vão ser postos em praça e vendidos em hasta pública, pelo maior lanço oferecido acima da sua avaliação, as seguintes partes de prédios.

A duodécima parte de uma propriedade denominada Bôa Vista, sita na freguesia de S. Claudio do Barco desta comarca, com parte de uma morada de casas construída de pedra e cal, telhada e sobradada, com cosinha, salas, quartos e loja e terreno de cultura com árvores de vinho, de fructas diversas e com ramadas tendo ao norte uma casa

térrea e telhada para caeiros e com um pço com bomba de ferro e tanque de pedra, separado, tudo vedado por parêde e tendo contíguo, ao poente, um terreno aberto em triângulo, atravessado por dois caminhos carrais e ainda composta de um caminho, denominado de Baixo, com uma oliveira e uma cerdeira e terreno de mato com eucaliptos e pinheiros, tudo junto e contíguo. Avaliada na quantia de 3:375\$00.

O direito e acção à duodécima parte de uma leira de mato no monte de Argaço, que também é conhecido por monte de Baixo, com eucaliptos, sita nos limites d'aquêlê lugar da Bôa Vista. Avaliada na quantia de 58\$34.

O direito e acção à duodécima parte que o executado tem no seguinte prédio: A chã de Barreiros, terreno de mato sito com a sua denominação, na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros. Avaliada na quantia de 175\$00.

Os referidos prédios acham-se descritos na conservatória desta comarca sob os n.ºs 32.626, do L.º B — 91 e 19.114 do L.º B — 50.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos do executado.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1929.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. A. Cunha.

O escrivão do 1.º officio,

Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

Eu não sei se a Liberdade tem mais que se queixar dos que tem a insolência de a atacar, se da imbecilidade dos que a não sabem defender

MIRABEAU.

Havia um bazar de prendas e, contrapondo-se à voz do leiloeiro uma moça erguia o seu canto de desafio no meio rodopiador duma festada — pastoral de Watteau a tintas largas, com perfeição de luz, beleza de colorido e nobreza de formas. Ao ouvir daquela voz tão cristalina e pura, *Queixada* ficou como que espedado diante daquela enorme roda, a cabeça atolambada como se houvesse lá dentro tenalhar de ferros, treloucado de juízo e a um tempo enlevado.

(Continua).

N. B. — No início de «Os meus contos» algumas gralhas saíram, tais como «cargas» em vez de «corgas» e «esgoviado» em vez de «esgoviado», bem como a falta de várias pontuações. Que o leitor nos desculpe a falta de revisão.

## Os meus contos

Por L. COELHO.

Todos os da freguesia o respeitavam e lhe queriam bem, havendo quem grunhice que o próprio patrão não ia fora dos paus em lhe meter a filha pelos olhos dentro e que proporcionava sempre a maré de os juntar, quer de noite quer de dia.

A rapariga também se sentia enlevada ao espelho daquêles olhos, e houve quem visse ou reparasse, por mais que uma vez, que a filha do lavrador, quando junta do *Queixada*, sentia uma como que vertigem, para se ruborizar em seguida...

Ele, porém, não se atrevia, limitava-se a abanar com aquêles dedos nodosos o rosto da rapariga, chamando-a repetidas vezes...

Ela, depois de ter dado acôrdo de si, sorria-lhe provocadoramente e encostava a cabeça ao peito do seu companheiro de infância e também de trabalho.

Ao contrário, êle, a custo esboçava o sorriso de retribuição e dizia-lhe na sua voz dorida:

— Vai-te, cachopa! Sempre era bô tratares de ti para que não me assustes tantas vezes.

— Isto não é nada, Jaquim.